

O GLOBO
29 ABRIL 2018

MULHER DE OURO

OS 50 ANOS
DE CARREIRA DE
GLORIA PIRES

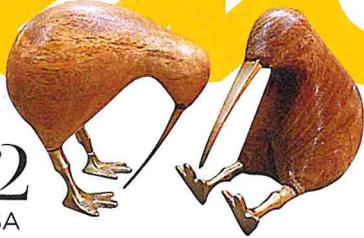
HIPPIE
NA ROTA DO
NOVO LIVRO
DE PAULO
COELHO

elo

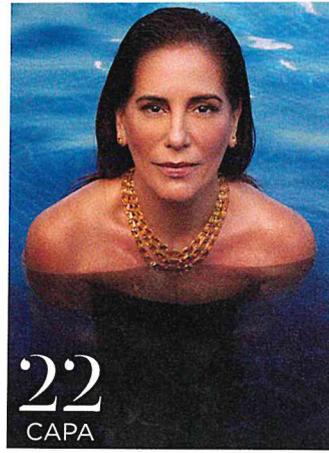
ela

O GLOBO
29 ABRIL 2018

62
CASA



56
MODA



22
CAPA

FOTO
Tavinho Costa
MODA
Márcia Maia
MAKE
Markito Costa
PRODUÇÃO
Gloria Pires usa
body Vix e joias
H.Stern

PAZ E AMOR

Devo confessar que de hippie eu nunca tive nada. Ou quase nada. A única experiência próxima disso foi um fim de semana de rave com uns amigos na adolescência, da qual eu saí fazendo juras de amor eterno pelos chuveiros (enormes) de água quente e por outras comodidades da vida. Mas pela paz, pelo amor e pelo fim das guerras eu sempre torci e trabalhei — daí o quase.

Até que, no final do mês passado, Paulo Coelho me mandou por e-mail sua nova obra, que chega às livrarias nesta semana. O nome? “Hippie”. Mas hippie, Paulo? Logo agora, num mundo tão conectado e tão agressivo, em que prosperam Trumps e Putins? Em que os jovens trocaram as batinhas e os jeans surrados pelas últimas tendências do *fast fashion*, os gurus pelo iPhone X e o

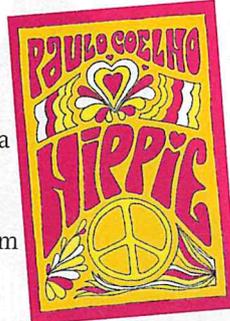


BRUNO ASTUTO
brunoastuto@oglobo.com.br

amor livre pelo #MeToo?

De repente, descobri que a resposta estava nas minhas próprias e tantas perguntas. *Chapeau* para Paulo, o homem de 220 milhões de livros vendidos em mais de 160 países, que tem aquela anteninha para as angústias do mundo. Onde foram parar os profetas do paz-e-amor? Ainda acreditam naquilo que viveram ou se desiludiram? Novos hippies surgiram? Nesta edição, que traz um especial sobre o tema, você vai notar que a filosofia continua, só que evoluiu, como deve ser tudo na vida.

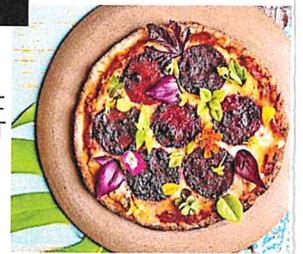
E, ao terminar de ler “Hippie”, senti uma vontade de louca de me perder por aí, sem lenço sem documento, e até uma pontinha de inveja daqueles tempos em que você fazia o que lhe dava na telha — até porque o botão “like” ainda não tinha sido inventado e ninguém não estava nem aí para ser curtido. Só para viver, simplesmente.



32
HIPPIE



Thais Vandanezi fotografou o ensaio na Praia de Nudismo do Rio



64
GOURMET



60
BELA



52
SPFW



18
FRONT

8 DANUZA LEÃO

20 MARTHA MEDEIROS

68 ASTRAL

69 GENTE FINA

70 PINTANDO O 7

EDITOR Bruno Astuto

EDITORA DE MODA Patricia Tremblais

REPÓRTERES Acyr Méra Júnior, Eduardo Vanini, Gilberto Júnior, Jacqueline Costa, Livia Breves, Luiza Barros e Talita Duvanel

PROJETO GRÁFICO Dushka e Mayu Tanaka

DIAGRAMAÇÃO Christiana Lee e Cristina Flegner

ELA NO INSTA @elaoglobo

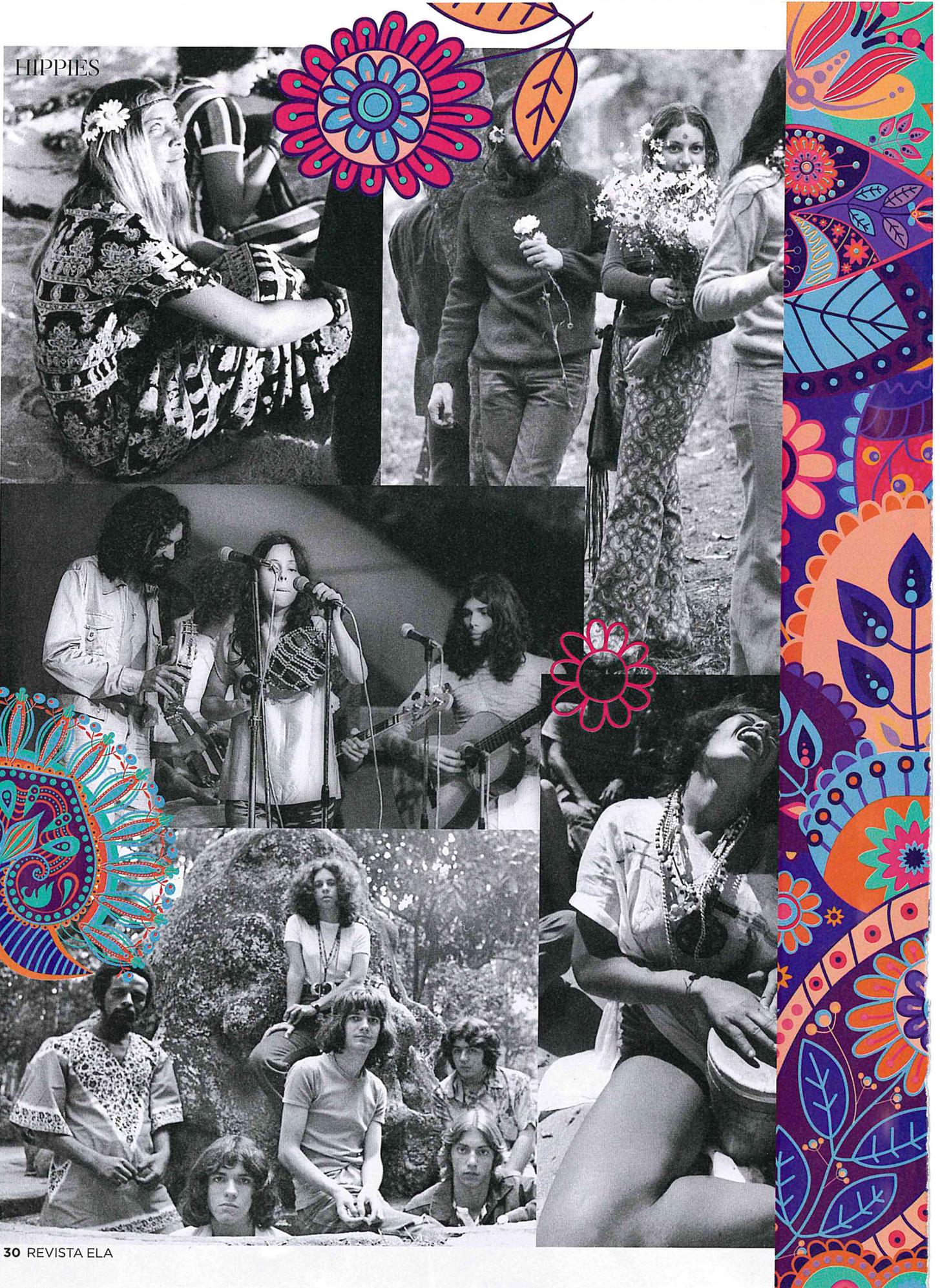
ELA NO FACE
facebook.com/ElaOGlobo

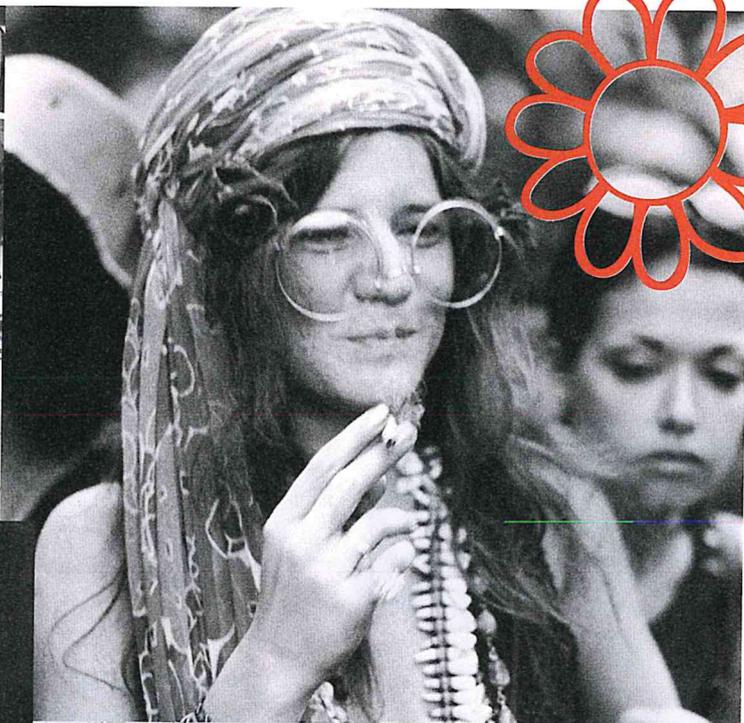
ACESSE NOSSO SITE
oglobo.com.br/ela

E-MAIL
revistaela@oglobo.com.br



HIPPIES

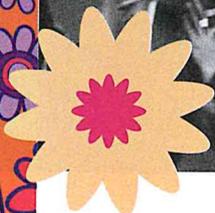




HIPPIES

FOREVER

NUM MUNDO TÃO PLUGADO E APRESSADO, DOS TRUMPS E PUTINS, DOS HATERS E DOS FAKES, A PAZE O AMOR FORAM UTOPIAS? COMO LANÇAMENTO DE 'HIPPIE', NOVO LIVRO DE PAULO COELHO, FOMOS ATRÁS DA RESPOSTA



HIPPIES



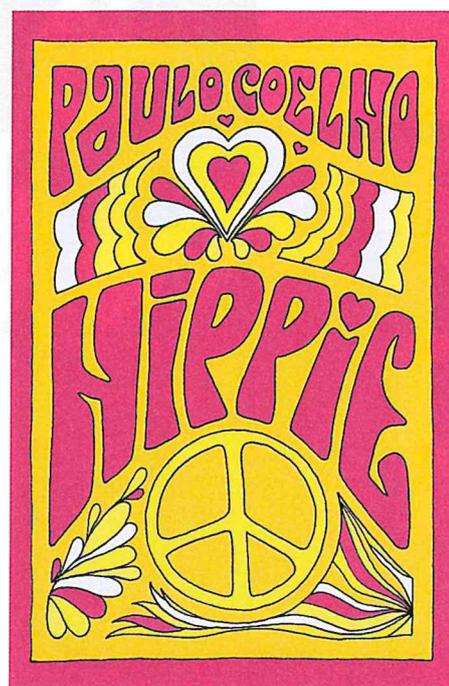
Paulo Coelho
na Rota Hippie,
em 1970

FOTO DE ARQUIVO PESSOAL E DIVULGAÇÃO

O OUTRO CAMINHO DE PAULO

EM SEU MAIS NOVO LIVRO, PAULO COELHO RELEMBRA SUAS AVENTURAS PELA FAMOSA ROTA HIPPIE E AVISA QUE CONTINUA ATRÁS DO TAL PAZ-E-AMOR

Por BRUNO ASTUTO



Entre o final dos anos 60 e 70, a Rota Hippie foi uma espécie de rito de passagem para dezenas de milhares de jovens que partiam da Europa rumo à Índia e ao Nepal. Em busca de um sentido para a vida, eles deixavam para trás as desilusões de toda uma geração que chegou à idade adulta no pós-guerra.

Um dos meios de transporte para desbravar o trajeto que podia chegar a 14 mil quilômetros era o “Magic Bus”, ônibus que saía de Amsterdã, na Holanda, rumo a Katmandu, no Nepal.

Em 1970, entre os passageiros estive o escritor Paulo Coelho, que decidiu relembrar a viagem em seu mais novo e mais autobiográfico romance, “Hippie” (Paralela). A obra, que chega às livrarias nesta semana, traz uma narrativa em terceira pessoa, mas o protagonista é o próprio Paulo. Ele avisa que todas as histórias são verídicas e que os personagens tiveram seus nomes mantidos — à exceção de dois, que ele não conseguiu localizar. O escritor também rememora as três épocas em que passou na prisão, nos porões da ditadura militar, condensando-as em uma única passagem.

Com toda pinta de best-seller que promete incrementar ainda mais seu repertório de 220 milhões de livros vendidos em todo o mundo, “Hippie” é, antes de tudo, a fotografia de um tempo de liberdade e autodescoberta — e quanto esse tempo está distante do momento atual.

— Decidi relembrar essa passagem na minha vida por ver que o mundo caminha para um fundamentalismo em todos os sentidos: religioso, sexual, político. Na época hippie, todos

toleravam as crenças e as escolhas do próximo — afirma ele.

De Genebra, na Suíça, onde mora, Paulo concedeu a seguinte entrevista à nossa revista:

VOCÊ AINDA MANTÉM CONTATO COM AS PESSOAS QUE VIAJARAM NO ÔNIBUS?

Apenas com o motorista, que hoje em dia é um médico respeitadíssimo, especializado em traumas de guerra. Monica, minha agente, duvidou de que ele tenha feito aquela viagem pela África no fusca (*risos*), e ele mandou um e-mail confirmando.

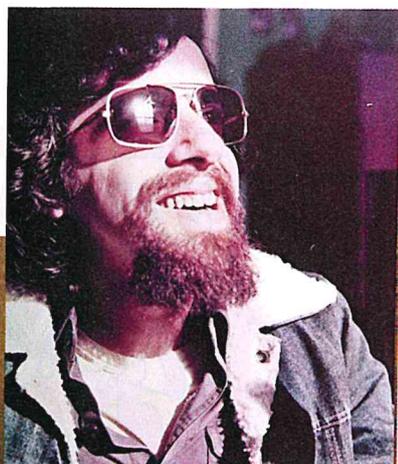
E VOCÊ? O QUE GUARDA DAQUELE JOVEM QUE SE AVENTUROU PELO MAGIC BUS?

Tudo. Penso que uma vez hippie, sempre hippie. Simplifique a vida, lembre-se de que os maiores prazeres do mundo são gratuitos: andar, contemplar a natureza, meditar, rir e chorar sem culpa, ser solidário com quem precisa de ajuda e não se deixar manipular facilmente pelo que o sistema quer de você.

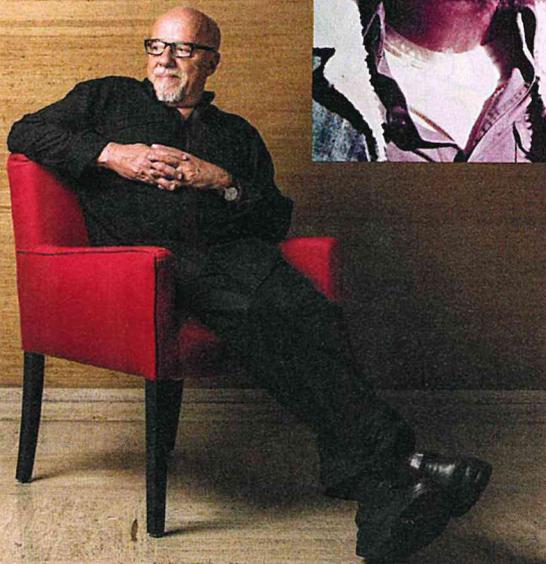
VOCÊ VOLTOU A VÁRIOS LUGARES QUE PERCORREU NO LIVRO JÁ COMO O GRANDE ESCRITOR. COMO SE SENTIU NESSA OUTRA POSIÇÃO?

Tudo muda. Quando fui ao Peru, por exemplo, me recusei a ir a Machu Picchu, porque sabia que estava invadida por turistas. Christina (*Oiticica, artista plástica, mulher de Paulo*) foi, e não dava nem para andar. Enfim, não sou aquele tipo que olha para trás — me espelho muito na história da mulher de Ló, que olhou para trás para ver a destruição de Sodoma e Gomorra e se transformou em uma estátua de sal. ▶

HIPPIES



Ontem e hoje: dois momentos do escritor, que mora hoje em Genebra, na Suíça



AO LONGO DA DÉCADA QUE SE SUCEDEU À SUA VIAGEM, A ROTA DO MAGIC BUS NÃO FICOU MAIS TÃO MÁGICA: HOUE A REVOLUÇÃO IRANIANA, A INVASÃO SOVIÉTICA DO AFGANISTÃO, ENTRE OUTROS ACONTECIMENTOS. COMO VOCÊ ENXERGOU OS DESCAMINHOS DESSE CAMINHO?

Uma coisa é certa: quando você tiver que fazer uma coisa, não adie nunca, porque mais tarde ela pode ser impossível – como é o caso desses exemplos. Eu me arrependo até hoje de não ter ido à Síria em 2010. Era apenas a uma hora de avião daqui.

VAMOS FALAR DE ALGUNS CONCEITOS QUE SÃO MUITO LIGADOS À CULTURA HIPPIE. O SEXO LIVRE AINDA VALE?

Acho que continua. É uma marca indelével da revolução hippie.

E AS DROGAS? DEVERIAM SER LEGALIZADAS?

A marijuana é liberada em muitos lugares do mundo. Na Suíça, por exemplo, é vendida em qualquer loja de conveniência. Mas existe uma indústria de repressão que come milhões de dólares do governo e julga que marijuana é um perigo. Outras drogas penso que devam ser proibidas sempre, como heroína e cocaína.

AINDA É POSSÍVEL NESTE MUNDO EASY-JET FAZER UMA VIAGEM DE TRANSFORMAÇÃO PESSOAL COMO VÁRIAS QUE VOCÊ FEZ, POR EXEMPLO O CAMINHO DE SANTIAGO E A PRÓPRIA ROTA HIPPIE?

Acho que tudo depende da pessoa. Comento no livro algo que ainda vale para hoje; você pode estar em uma estação de trem

visitando sua própria alma. O que é preciso, isso sim, é viajar mais, mas, infelizmente, as pessoas hoje em dia estão fazendo o Caminho de Santiago com os olhos fixos no telefone. Uma boa desintoxicação da internet ajudaria muito.

“O AMOR É UMA PERGUNTA SEM RESPOSTA”, DIZ O LIVRO. ISSO VINDO DE UMA PESSOA CASADA HÁ QUASE 40 ANOS É UMA COISA SURPREENDENTE. SÃO AS PERGUNTAS QUE MUDAM OU A RESPOSTA REALMENTE NÃO EXISTE?

Na verdade, não sou casado com a mesma pessoa, mas com várias Christinas que foram mudando no decorrer do tempo. Eu tampouco sou o mesmo homem. O problema com o casamento é que, uma vez feita a cerimônia, as pessoas acham que tudo vai permanecer igual por décadas. Não vai. Ou você se adapta, ou terminará se afastando de alguém que ama.

VOCÊ FOI UM DOS PRIMEIROS ARDOROSOS ADEPTOS DAS REDES SOCIAIS. RECENTEMENTE, TIROU UM POUCO DE “FÉRIAS” DELAS. O QUE ESSA PAUSA MOSTROU A VOCÊ?

Que as redes sociais mudaram para pior. Eu, por exemplo, fornecia conteúdo gratuito ao Facebook, e hoje querem me cobrar para mostrar o conteúdo gratuito. Fazia isso na intenção de criar um mundo melhor, mas era apenas uma ilusão. As redes fizeram subir à tona o que há de pior no ser humano, o ataque escondido sob o anonimato. Particularmente, não me preocupo muito, porque no primeiro ataque (*a pessoa*) é bloqueada e ponto final. Mas outros se sentem feridos, e isso faz a alma do mundo ficar mais triste. Não é possível controlar a privacidade, mas agora parece que está havendo uma revisão do tema. Vamos torcer para que consigam leis mais duras contra a invasão de privacidade e as fake news.

TEM ACOMPANHADO OS MOVIMENTOS NEOFEMINISTAS, COMO O #METOO E O #TIMESUP? ACHA QUE ELAS VÃO DAR EM ALGUMA COISA CONCRETA?

Depende de como a coisa será gerenciada pelas principais interessadas no caso. Vejo com alguma preocupação os momentos em que isso é manipulado para chamar a atenção. Mas, convenhamos — e isso está no livro —, as mulheres são muito mais sensíveis e muito mais atentas do que os homens. E saberão administrar. **e**

“AS PESSOAS HOJE EM DIA ESTÃO FAZENDO O CAMINHO DE SANTIAGO COM OS OLHOS FIXOS NO TELEFONE. UMA BOA DESINTOXICAÇÃO DA INTERNET AJUDARIA MUITO”

O SONHO NÃO ACABOU

ELES TINHAM CABELOS COMPRIDOS E MUITA VONTADE DE VIVER. HOJE SENHORES, OS HIPPIES DOS ANOS 70 COMENTAM O QUE MUDOU DE LÁ PARA CÁ E CONFIRMAM SEUS IDEAIS

Por LUIZA BARROS | Fotos LEANDRO BALBINO E ANA BRANCO

Os mais sisudos vão apontar as consequências do pós-guerra e o boom populacional. A maioria vai culpar os Beatles e os Rolling Stones. E há até quem possa falar sobre o alinhamento dos planetas e ver ali sinais da chegada da Era de Aquário. O fato é que, sem dúvida, alguma coisa muito forte aconteceu entre o fim dos anos 60 e a chegada dos 70 que, meio século depois, ainda impressiona até quem estava lá. A figurinista Sônia Thomé, de 67 anos, que viveu a época dos hippies como poucos, resume com humor a transformação nos costumes:

— Aos 16 anos, eu era um bibelô e usava broche. Aos 18, já estava andando na rua toda rasgada — resume, ao lembrar como o movimento hippie foi importado do Hemisfério Norte para o Rio de Janeiro.

Como viajar era caro e o país, em plena ditadura, era fechado em diversos aspectos, as modinhas da efervescente Londres custavam a aportar aqui. E lojas em sintonia com os desejos da juventude eram raridade, com a exceção ilustre da Aniki Bóbó. Por isso, o jeito era improvisar no visual e deixar a maior mudança por conta da atitude.

— Todas as meninas de família, criadinhas em bolhas de vidro, foram para a rua andar com pessoas que não tinham nome. A ideia era ficar contra absolutamente tudo que a gente considerava careta — recorda a figurinista.

Com pais “prafrentex”, Sônia não teve problemas em receber dentro de casa amigos ripongos. Mas não era o caso da maioria. Da mesma forma que os Beatles cantaram em “She’s leaving home”, era comum jovens fugirem de casa para

botar o pé na estrada. Foi o caso do ator Ciro Barcelos, de 64 anos. Aos 17, ele deixou Porto Alegre para integrar a adaptação nacional do musical “Hair”.

— Eu literalmente joguei minha mochila pela janela e fui embora. Mas, quando a produção descobriu que eu era menor de idade, tive que voltar para pedir emancipação — conta Ciro, que a partir daí mergulhou na experimentação.

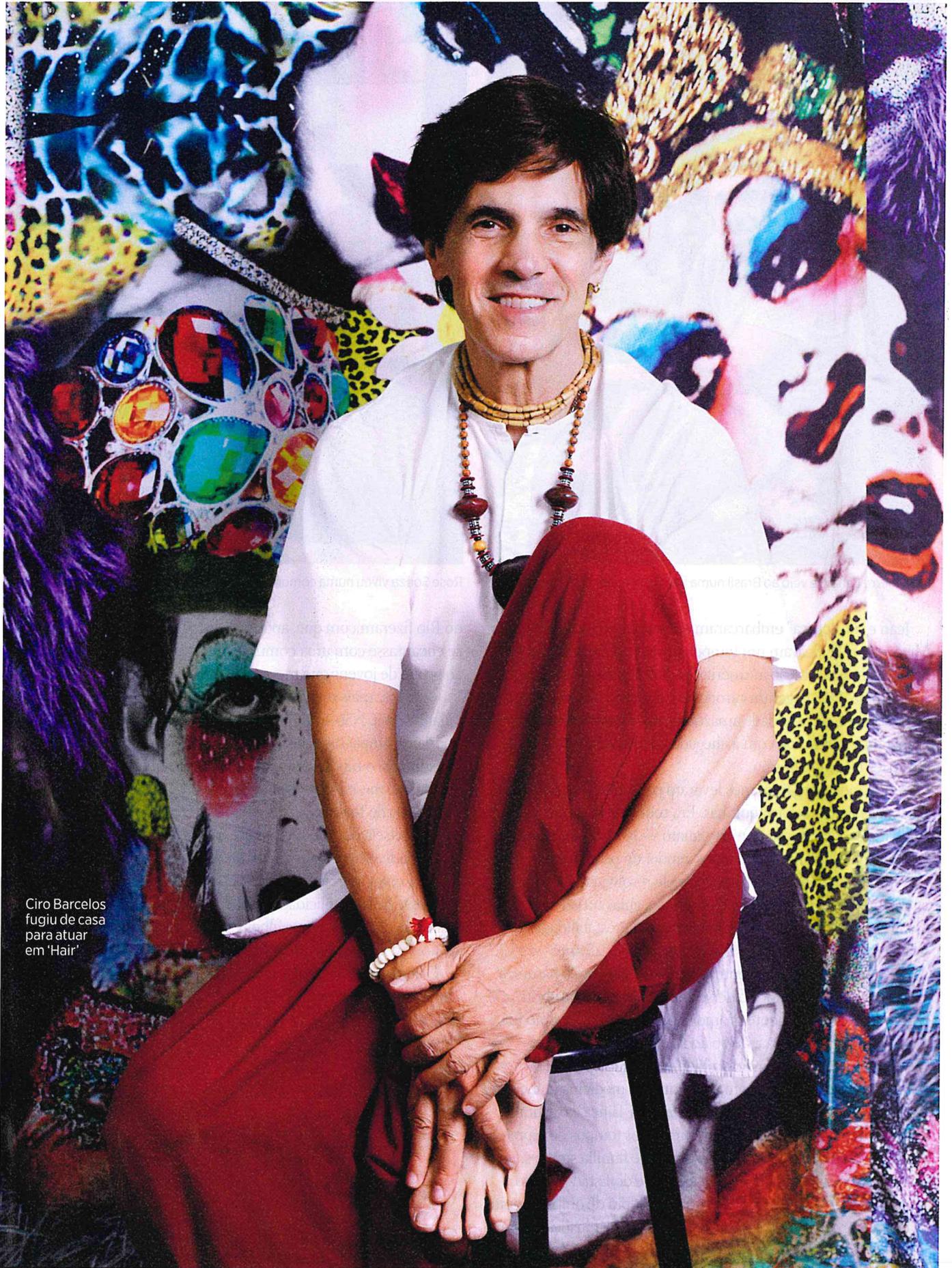
— A gente deixava fluir os nossos sentimentos e a nossa sexualidade. Se eu sentisse atração por um amigo meu, ia viver aquela experiência. E, no outro dia, ia levantar, continuar sendo Ciro e transar com a minha namorada. Não tinha peso. Hoje, acho muito careta todas essas classificações e comportamentos segmentados.

O ator também fala sem tabus sobre a relação da cultura de então com as drogas:

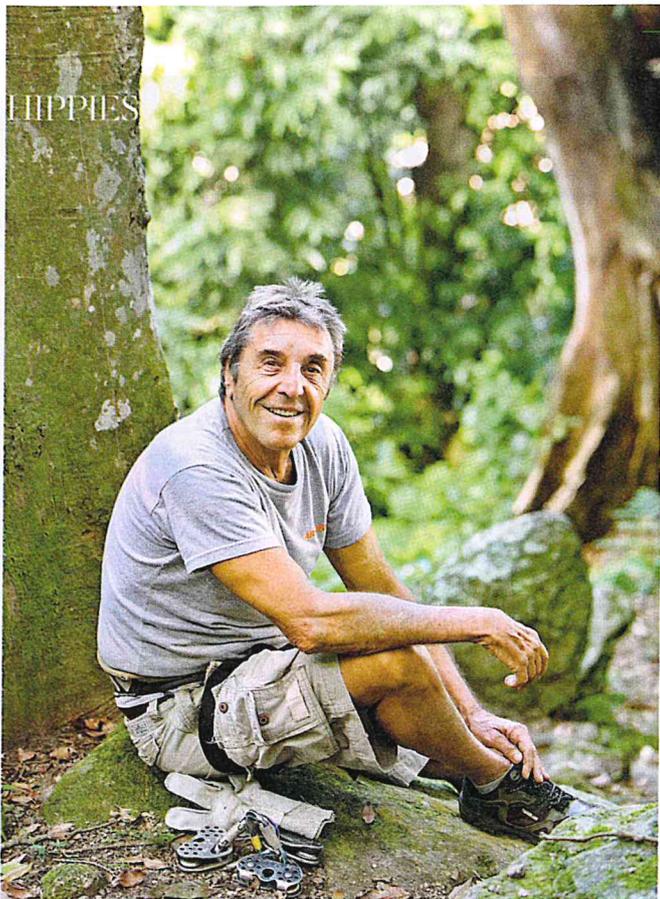
— Nem gosto de chamar de drogas os alucinógenos como o LSD e a mescalina. Foram eles que abriram as portas da percepção e nos permitiram voltar para dentro. Não tomávamos para ir à balada. É uma meta muito curta usar para ficar doidão e arrastar alguém para a cama.

O francês Jean Pierre Lehaitre, de 74 anos, é outro que viveu a época intensamente. Ele era um jovem representante farmacêutico em Nice, no sul do país natal, quando viu a cultura ao seu redor se transformar.

— Para mim, era muito frustrante não poder deixar o cabelo crescer, usar terno e gravata, sempre com a maleta e as amostras. Tentei me segurar, mas uma hora mandei tudo para o ar — lembra ele, que deixou a França após o protestos de maio de 1968. Decepcionado porque a mudança esperada pela juventude não aconteceu, ele partiu ao lado de um amigo rumo a uma aventura nas Américas. ►



Ciro Barcelos fugiu de casa para atuar em 'Hair'



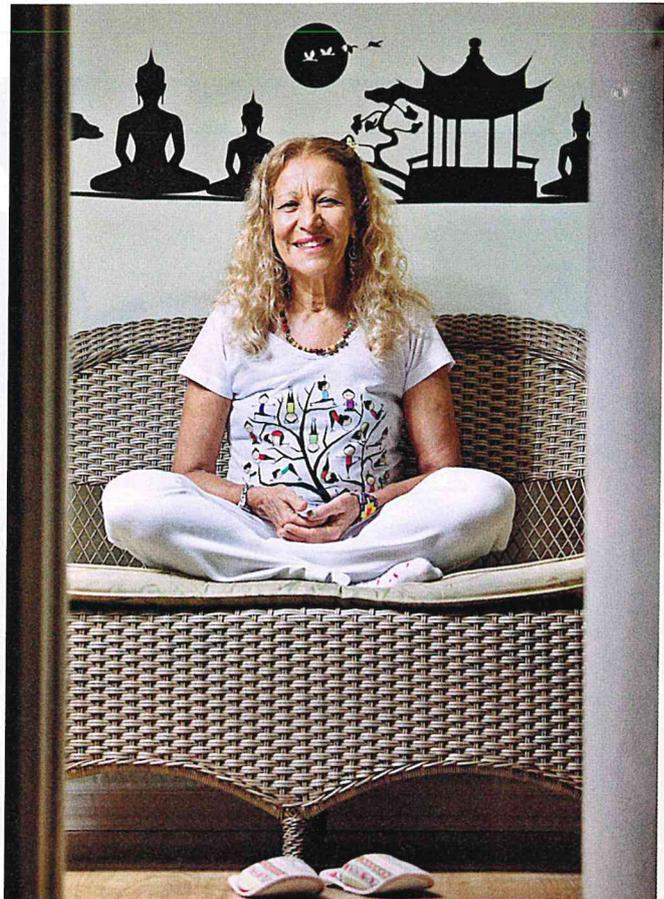
Jean Pierre Lehaitre veio ao Brasil numa aventura e nunca mais voltou

Jean e seu “parça” embarcaram em um navio rumo ao México. Por lá, ficaram um tempo, até conseguirem dinheiro para descer em direção à América do Sul. Em 1970, chegaram à Colômbia. Daí, pegaram carona em um avião da força aérea do país para Letícia, cidade amazônica na fronteira com o Brasil. O mochilão culminou com a chegada ao Rio de Janeiro, de onde o francês nunca mais saiu.

— Quando chegamos, nos levaram para a feira hippie, que na época não tinha barraquinhas. Era tudo no chão, e na verdade tinha mais maconha do que artesanato — lembra, aos risos.

Jean sobreviveu nesses tempos vendendo pequenas esculturas, porém o tempo passou, e ele resolveu responder a um anúncio de emprego que procurava guias turísticos. Como falava cinco idiomas, foi contratado. A estabilidade acabou pesando, e ele trabalhou no ramo pelos 25 anos seguintes. O espírito de aventura e de conexão com a natureza da época, contudo, nunca o deixou. Anos depois, descobriu o arvorismo, e atualmente promove passeios em trilhas no Joá.

A médica Rose Souza, de 66 anos, é outra que também preservou o amor pelo meio ambiente cultivado pela sua geração. Hoje especialista em acupuntura e medicina chinesa, ela divide o tempo entre seu consultório na Tijuca e o ashram e ecovila Purna Ananda, em Vassouras. Dos tempos de hippie para cá, no entanto, a jornada foi longa. De família simples, ela conciliava a faculdade na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com o trabalho de cobradora de ônibus à noite. O clima de repressão dos anos de chumbo e as injustiças sociais



Rose Souza viveu numa comunidade hippie em Mangaratiba

do Rio fizeram com que, após uma viagem a Mangaratiba, ela se encantasse com uma comunidade hippie e resolvesse se unir ao grupo de jovens que moravam por lá.

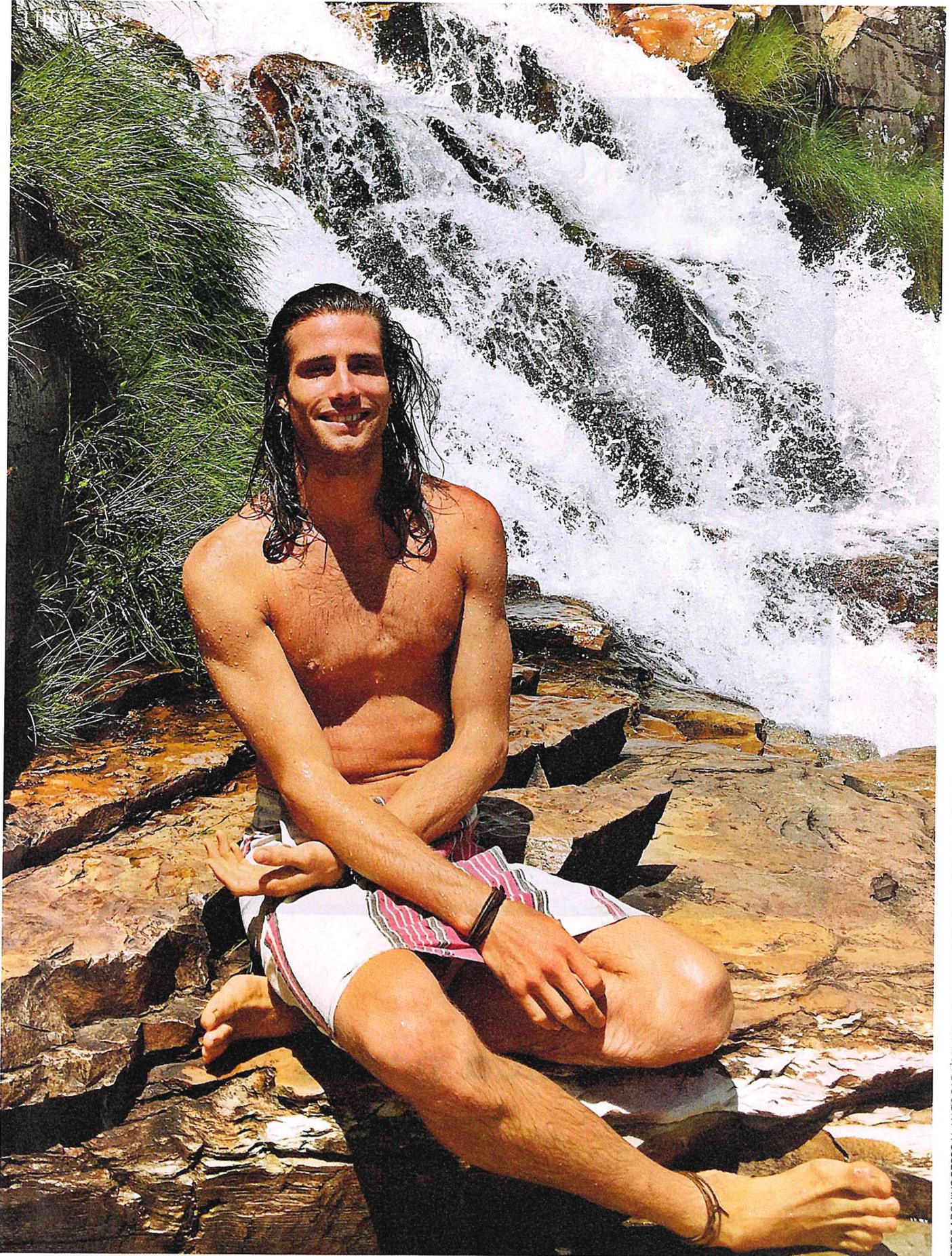
— O que mais me sensibilizou neles era que tinham uma vida fraterna. Não eram fugitivos do sistema, apenas não queriam compactuar com ele. Era um movimento crítico, que questionava o modo como se vivia — defende Rose, que viveu, por quatro meses, com um grupo de cerca de 30 pessoas no distrito de Itacuruçá.

Depois, ela decidiu regressar à cidade grande e terminar a faculdade. Mas a semente plantada naquela época vingou.

— A coisa mais forte que ficou em mim dessa vivência de hippie foi a simplicidade. Sinto necessidade de retornar a ela e de estimular meus filhos e pacientes a não dependerem de tanta coisa para serem felizes.

O sonho, afinal, nunca acabou para aqueles que continuaram com o coração jovem. **e**

**ENTRE OS QUE FORAM
HIPPIES, FICARAM
COMO HERANÇA O
RESPEITO À NATUREZA
E O AMOR PELA
SIMPLICIDADE**



O PÓS- HIPPIE

COM O TRABALHO REALIZADO EM ALTO PARAÍSO, SEAN DE SOUZA MOSTRA QUE O MOVIMENTO ANDA MAIS ATUAL DO QUE NUNCA ENTRE A GERAÇÃO MILLENNIAL

Por ACYR MÉRA JÚNIOR

O carioca Sean de Souza saiu totalmente do script que parecia desenhado para ele. Filho de Carlos de Souza, o Cacá, embaixador global da grife Valentino, e da musa Charlene Shorto, ele foi criado na Europa, conviveu desde cedo com o mundo fashion e com personalidades do jet-set internacional. Chegou até arriscar uns passos nas passarelas, mas o chamado não o seduziu. Depois de concluir os estudos em Londres em 2007, tirou seis meses sabáticos na Índia, onde passou a se interessar pelas práticas da ioga e da meditação.

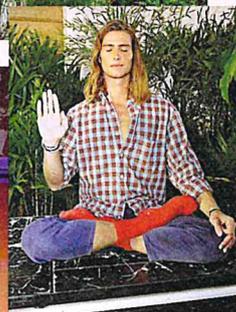
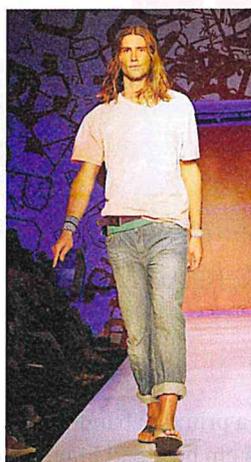
— Essa viagem mudou minha forma de ver o mundo, de me relacionar com as pessoas e até minha respiração — conta ele.

Na volta da Índia, Sean decidiu conhecer melhor o país onde nasceu. Percorreu o Brasil de ônibus, desbravando inúmeras regiões. Uma delas foi Alto Paraíso, na Chapada dos Veadeiros, em Goiás, um lugar que tem atraído cada vez mais pessoas interessadas no contato com a natureza, no ecoturismo e no misticismo. O local se situa sobre uma placa de quartzo, de 4 mil metros quadrados, que muitos acreditam servir como uma espécie de proteção espiritual. No caso de Sean, que há dez anos se divide entre a cidade goiana e Londres, viver lá é uma filosofia de vida:

— Morei a maior parte da vida fora e, quando voltei, encontrei aqui em Goiás condições perfeitas para desenvolver um estilo de vida alternativo, íntegro com o meu próprio ser e com o que proponho para a minha vida. E o principal: focado no menor impacto no meio ambiente — conta ele. — Faço um trabalho focado em ioga, meditação e nutrição, com grupos de retiros para desintoxicar o corpo por meio de sucos e suplementos à base de ervas. Minha busca começou quando deixei de ficar satisfeito com os alimentos que me eram disponibilizados. Tive que achar



Várias facetas de Sean: de baixo para cima, DJ, modelo no Fashion Rio e dono de vida simples em Alto Paraíso



uma maneira de ter acesso aos orgânicos e a formas de plantar o que consumo.

Embora seja frequentemente convidado a tocar como DJ ao lado do irmão, Anthony, engenheiro de som da banda Coldplay, Sean faz questão de frisar que quer, cada vez mais, se afastar dos grandes centros. E que passa a maior parte do tempo passa em Alto Paraíso, com os pés no chão. Ele se considera um “pós-hippie”, que luta para manter acesos os pilares de paz, amor e espiritualidade. Independentemente de qualquer bandeira, aponta que o espírito do movimento de contracultura iniciado nos anos 60 é a contestação e a busca de alternativas.

— Tem gente que acha que ser hippie é ser contra a ideia do progresso. E não é nada disso, muito pelo contrário. Ser hippie é discordar, se educar e buscar resiliência. O hippie é, claramente, antes de tudo, um ser político e ativista em sua forma progressiva — afirma. — Estou falando de toda a ideia do consumismo que o capitalismo, desde sempre, instaura nas pessoas. Ter maior poder aquisitivo não é ter mais controle, realizações e qualidade de vida. Os hippies foram hippies porque disseram não para todo um estilo de vida tóxico, corrupto e não sustentável.

Aos 34 anos, com longos cabelos e fala tranquila, ele diz que sua geração tem dado cada vez mais atenção a esse estilo de vida consciente, saudável e espiritualizado, por causa do desequilíbrio político, social e ecológico.

— Esse despertar é o caminho — avalia. — Estamos pagando caro pelos erros históricos, principalmente em termos de desmatamento e falta de integridade com a natureza. Temos sinais claros de quanto nossa sociedade está doente. e

A ONDA SEGUE

OS HIPPIES ESTÃO DE VOLTA; E ELES USAM APPS DE MEDITAÇÃO, FLORES NO PENTEADO, FREQUENTAM FESTIVAIS DE MÚSICA INDEPENDENTE E FAZEM BROWNIE DE ABACATE

Por LÍVIA BREVES | Ilustração ANDRÉ MELLO

Paz e amor foi a primeira bandeira hippie. Isso lá em uma São Francisco dos anos 60, quando uma geração pedia o fim da Guerra do Vietnã e lutava contra o sistema e a favor da liberdade. Além disso, eles usavam calças boca de sino, tinham cabelos compridos e bagunçados, se jogavam no festival de Woodstock, usavam LSD e viviam em comunidades.

Os anos passaram, o hippie mudou. Agora, o neo-hippie se multiplicou e formou vários grupos: há os que só comem orgânicos e escovam os dentes com funcho ou cúrcuma, os que passam temporadas em tribos indígenas, os que viram hippie apenas durante os festivais de música, aqueles que meditam e viajam para *ashram* na Índia, os que postam fotos fazendo posições de ioga durante o pôr do sol, os que levantam a bandeira do poliamor, aqueles que fazem cursos de terrários e de tapeçaria marroquina, e por aí vai.

Já ouviu falar no Spirit Weavers Gathering? Está virando um novo hit entre as hippies atuais. O evento é um encontro que acontece anualmente na Floresta de Sequoias, no Norte da Califórnia, e reúne mulheres de todo o mundo em torno de cerimônias do Sagrado Feminino. As fotos não deixam nada a dever aos encontros dos anos 60, e a reunião já ganhou o apelido de “o culto mais chique do mundo”. E isso anda fazendo os hippies originais criticarem os neo-hippies e se perguntarem: quem realmente vive a essência e quem está apenas surfando na onda por modismo, seduzido pela estética que é copiada até mesmo por hotéis caríssimos localizados em lugares ultraexclusivos, onde nenhum hippie real conseguiria se hospedar, ou em uma marca de roupa que faz vestidos idênticos sessentistas e cobra uma fortuna pela peça? 

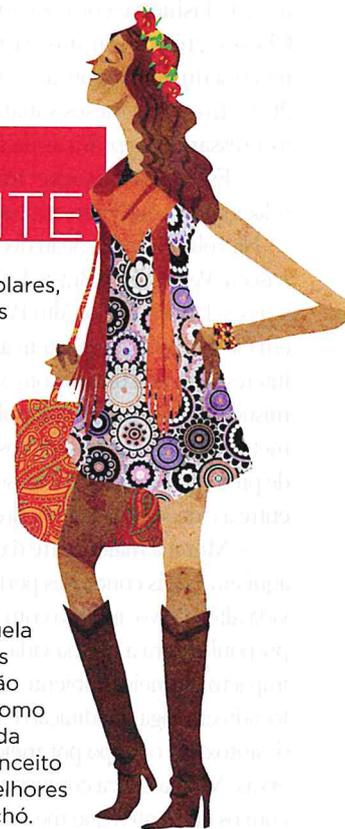


BELEZA PURA

As receitas de beleza da vovó estão em alta. Pepinos, abacates e óleos naturais entram nas rotinas dessa nova juventude cheia de viço que não quer nada que agrida a pele e o meio ambiente. Pessoas entram para movimentos “sem xampu” e esbanjam cabelos sedosos lavados com vinagre e bicarbonato de sódio. Quem não tem inveja das madeixas da Yasmin Brunet? Marcas mundiais não ficam de fora e lançam uma série de produtos nessa linha que facilita a vida do hippie urbano.

MODA CONSCIENTE

Saiões, vestidos estampados, colares, brincos e acessórios nos cabelos marcaram os hippies dos anos 60 e formam hoje uma estética frequentemente revisitada. Ela pode ser encontrada tanto em peças de brechó como em uma coleção novinha de uma loja contemporânea. Mas o neo-hippie consciente não precisa ter exatamente o armário de quem esteve em Woodstock. Ele está mais preocupado com a origem daquela roupa, que precisa ser de tecidos reutilizados, reaproveitados e não gerar resíduos. No Rio, marcas como a Re-roupa e algumas coleções da Ahlma já nascem em cima do conceito de sustentabilidade. Entre os melhores brechós, a dica é o Belchior Brechó.





POLIAMOR

Uma relação amorosa formada por duas pessoas? Que caretice! Ser gay ou hétero? Quanta definição! O poliamor e a bissexualidade dão a liberdade que faltava para quem quer conhecer todo tipo de gente e acredita que sempre dá para amar mais um (ou mais dois, três...). O amor livre tão propagado nos anos 60 está cada vez mais forte e encontrando mentes mais abertas para experimentá-lo. Afinal, só quem é muito cabeça fechada não sabe que toda forma de amor vale a pena.

ORGÂNICO

Não basta estar gostoso. É preciso saber de onde vem, se é orgânico, quando foi colhido, se tem glúten ou lactose. Não estar mais alienado com o que está no prato já foi uma atitude da turma que vivia na Era de Aquarius. Agora é da maioria, que não olha com estranhamento algum para chias ou maçãs peruanas e que tais e que amanhece com um belo post de um suco amarelo vibrante (é, o verde e o rosa andam perdendo espaço para esse que leva cúrcuma). Feiras do Circuito Orgânico, a Junta Local e o programa da Bela Gil são os parques de diversão dessa galera.

DA TRIBO

Eles gostam ir para o interior do Acre ou do Pará fazer imersões junto a etnias como Huni-kuin ou Ashaninka. Aprendem sobre os biomas locais, pintam os corpos com os desenhos dos povos (e postam, postam muito!), participam de rituais de ayahuasca e contam como a experiência mudou a vida. Seguem os passos do artista plástico Ernesto Neto, que chegou a levar representantes Huni-Kuins para a Bienal de Veneza (teve bafafá sobre apropriação cultural) e amam a coleção de túnicas que Vivienne Westwood fez em 2014 inspirada nas roupas usadas pelos Ashaninkas.

DA MENTE

Praticar ioga, fazer leitura de aura, participar de retiros do silêncio. Tudo isso faz parte da agenda de quem busca ter uma mente tranquila e *hypada*. Viagens para comunidades como Piracanga, ecovila na Bahia que dá cursos sobre espiritualidade e veganismo, ou para um *ashram* indiano em busca de aprender sobre meditação, alimentação ayurveda são o foco desta turma que anda para cima e para baixo com seus tapetinhos emborrachados.



DO FESTIVAL

Loolapalooza é para iniciantes. Os neo-hippies de raiz gostam mesmo é de encontros como o Rainbow Gathering, que acontece anualmente há 40 anos em diversos pontos do mundo (no Brasil, aconteceu em 2014 em Rio Branco) e reúne pessoas em torno de ideais de paz, amor e harmonia. Tem também o festival Burning Man, que junta artes e música no deserto de Black Rock, em Nevada. Usando botinhas, shorts jeans e óculos redondos, eles se esbaldam e mantêm o espírito "woodstockiano" vivo.